

## Musicalização de adultos: aprendizado musical em espaços particulares sob a perspectiva andragógica

*Quézia Correa Coutinho*  
Faculdade de Música do Espírito Santo  
*queziajq@hotmail.com*

*Izaura Serpa Kaiser*  
Faculdade de Música do Espírito Santo  
*izaurakaiser@uol.com.br*

**Resumo:** Pretende-se investigar, em interface com os princípios da andragogia, as possibilidades de aprendizagem de música pelo adulto, a partir dos trinta anos de idade, matriculados em escolas particulares de música, na Grande Vitória/ES. De cunho qualitativo, a pesquisa envolverá teoria e trabalho de campo. Serão aplicados questionários aos diretores, aos professores e aos alunos de cinco instituições de ensino musical – Werner Ensino de Música, Escola de Música Piano Music, Escola de Música Em Sons e Escola de Música Gabriel Camargo, filial e matriz. Subentende-se que, a escolha consciente do adulto pelo aprendizado musical, aliada à motivação advinda de valores intrínsecos, tais como: valorização da autoestima, melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento pessoal, dentre outros, se configuram como meio facilitador do aprendizado nessa fase da vida. Presume-se que, apesar de algumas dificuldades inerentes à faixa etária em questão, adultos que não tiveram contato com a música na infância podem ser musicalizados, posto que sua experiência de vida lhe proporciona harmonizar as novas informações com as já existentes.

**Palavras chave:** Musicalização de adultos, andragogia, motivação e experiência de vida.

### Introdução

Música é algo que se aprende na infância, diz o consenso popular, uma vez que a maioria dos instrumentistas profissionais iniciou seus estudos musicais por volta dos cinco ou seis anos de idade. Porém, um número, cada vez maior de adultos, está se predispondo a investir esforços nos primeiros passos do aprendizado musical.

Na expectativa de buscar meios de lidar com essa crescente demanda, faz-se necessário a busca por novas ideias, haja vista a maioria dos métodos de ensino musical existentes ter sido formulada para lidar com a musicalização infantil. Buscando possibilitar interfaces com a

educação musical, novos conceitos de aprendizagem se fazem necessários, como a teoria da Andragogia<sup>1</sup>, que tem como singularidade suas perspectivas para o processo de ensino/aprendizagem de adultos, pontuando características para se aprender e ensinar nesta faixa etária.

Nesse sentido, ao se observar o quadro atual da educação musical destinada a adultos em espaços particulares de música, suscitam as seguintes perguntas: Será que a escolha consciente e determinada do adulto pela música contribui para aquisição de melhores resultados em seus processos de aprendizagem musical? O que desperta no adulto o interesse pelo aprendizado musical? Quais os motivos que cooperam para a sua persistência em aulas de música?

Considerando a ausência de contato com a música na infância, surgem as seguintes indagações: Existe a possibilidade de aprendizado musical na fase adulta? Que tipo de dificuldade este adulto teria nesse aprendizado? Sua experiência de vida poderia funcionar como um meio facilitador?

Partindo do princípio de que a maioria das metodologias de ensino musical existentes foi pensada para lidar com o aprendizado musical infantil, nos perguntamos: Existem metodologias específicas para o ensino-aprendizagem musical de adultos, ou as metodologias existentes necessitam de adaptações? Como se dá o processo de ensino-aprendizagem de adultos? A formação de docentes contempla saberes para prática de ensino de música para adultos?

## **Justificativa**

Ultimamente tem sido notório o aumento da longevidade da população brasileira, e conseqüentemente percebe-se um acréscimo considerável de adultos procurando por atividades nas mais variadas vertentes, dentre elas, o aprendizado musical.

---

1 Andragogia é a arte/ciência de orientação da aprendizagem do adulto, fundamentada em eixos articuladores da motivação e da experiência de seus aprendizes.

Durante muito tempo, esteve em voga o pressuposto de que a educação musical só seria possível na infância, fazendo com que muitos adultos abdicassem do direito de aprender música nessa fase da vida. Por conseguinte, a falta de metodologias adequadas e o despreparo didático de docentes tornavam o processo ainda mais difícil. Porém, diante de recentes questionamentos desse quadro, novos rumos despontam, favorecendo o aprendizado musical desses indivíduos.

Essa pesquisa aponta para a necessidade de identificação das tendências ideológicas que permeiam o processo de ensino/aprendizagem musical nessa fase da vida, sendo inevitável a continuidade da discussão sobre o assunto, na intenção de proporcionar a docentes, diretoria de escolas de música, bem como à comunidade em geral, subsídios para que essa prática se dê de forma satisfatória e produtiva. Daí a importância desta pesquisa.

## Objetivos

Investigar, sob o ponto de vista da andragogia, as possibilidades de aprendizagem de música pelo adulto em escolas particulares de música, através de questionários aos alunos, professores e diretoria de cinco instituições de ensino musical.

Como objetivos específicos, pretende-se verificar os motivos que estimulam a busca por aulas de música e que tipo de dificuldades e facilidades ele teria no aprendizado, em sua fase madura. Ainda, pesquisar as metodologias específicas para o processo de ensino/aprendizagem musical de adultos, bem como os saberes contemplados na formação de seus docentes.

## Referencial Teórico

O foco dessa pesquisa é o indivíduo adulto que procura por aulas de música. Faz-se necessário uma definição sobre a que tipo de adultos este estudo se reporta, mesmo não havendo consenso em meio aos estudiosos, quanto ao início propriamente dito desta fase da vida.

Souza (2009, p. 22) afirma que estudos, sobre essa temática, concluem que a definição de “adulto” é relativa e deve ser entendida a partir de uma contextualização histórica, diferindo de grupo para grupo. Silva (2004, p. 289) chega a postular, em suas pesquisas, que não há

possibilidade de definirmos “ser adulto” e sugere o uso do termo “momentos de vida” para cada fase do processo de desenvolvimento humano. Diante da impossibilidade de uma definição cabal do termo, atentaremos para o que diz O Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013), em que são consideradas “jovens” as pessoas com idade entre quinze e vinte e nove anos. Portanto, baseados nessa norma vigente no Brasil, consideraremos adultos, neste estudo, todo indivíduo a partir dos trinta anos de idade.

Estudos revelam a existência de uma base conceitual a respeito da educação de adultos, que surgiu em meados do século XX, denominada “andragogia”. Segundo Martins (2013, p. 145-146), de origem grega, a palavra “tem como significado: *andros* – adulto e *gogos* – educar”, diferentemente da “Pedagogia (do grego *paidós*, criança), que se refere à educação de crianças”. A autora ainda expõe que a teoria está fundamentada em seis pilares: a “Necessidade de saber”, o “Autoconceito do aprendiz”, o “Papel das experiências”, a “Prontidão para aprender”, a “Orientação para aprendizagem” e a “Motivação”.

Segundo Santos (2010, p. 2), a partir da década de 70, “o vocábulo passou a ser empregado designando a ciência de educar adultos, em países europeus”, enquanto, nos “Estados Unidos, despontam os estudos de Malcolm Knowles, considerado o criador da Andragogia”. Segundo ele, “a Andragogia é a arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem dos adultos”.

Considerando o “Auto conceito do aprendiz”, uma das perspectivas andragógicas, Souza (2009, p. 39) afirma que, “Sendo responsável por si mesmo, o adulto é quem decide quando, como e onde irá buscar seu aprendizado” e ainda pode “suprir sua carência de forma independente, com capacidade plena de se desenvolver”. Logo, um adulto, ao procurar por uma escola de música, está completamente consciente do que quer. De acordo com Stateri ([199-?], p. 9): “Ele sente vontade ou necessidade, tanto que, por iniciativa própria, procura o professor”, diferentemente da criança que, na maioria das vezes terá suas escolhas intermediadas por seus responsáveis. Consideraremos, portanto, como fator motivador para o aprendizado de música por um adulto, o seu próprio interesse.

Corroborando com essa ideia, Kebach (2008, p. 25) afirma sobre o indivíduo “que tenha um interesse muito forte” em estruturar-se musicalmente – mesmo não tendo crescido em um meio facilitador de construções musicais –, ainda assim, buscará formas para elaboração desses conhecimentos.

Mas, segundo Moraes e Varela (2007), é importante diferenciar interesse e motivação. Para as autoras, “O interesse mantém a atenção, no sentido de um valor que deseja. O motivo, porém, se tem energia suficiente, vence as resistências que dificultam a execução do ato” (MORAES; VARELA, 2007, p. 6). Diante disso, podemos entender que, uma vez de posse do interesse pelo aprendizado, o indivíduo passará à ação, através de “abordagens sócio-cognitivas da motivação”, em que é revelada a existência de duas orientações: a intrínseca e a extrínseca. E, sob a visão da andragogia, Martins (2013, p. 146) conclui que os “adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos: autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento”.

Segundo Cirino (2015, p. 130), “a concepção sobre aprendizagem musical faz parte da realidade de cada aluno, da subjetividade e de suas perspectivas em relação ao aprendizado musical”. Portanto, as atividades desenvolvidas em sala de aula, pelo professor, podem se tornar motivadoras, se levar “em conta que os participantes trazem saberes de experiência, provenientes de vivências musicais diversificadas e de reflexões que podem ser desenvolvidas em diferentes processos de educação musical”.

A “Necessidade de saber” é outro conceito andragógico que, segundo Martins (2013, p. 145), faz com que adultos tenham a carência de “saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo”. Portanto, o fazer musical pode ser visto por alguns como um meio de autoafirmação e uma busca constante por aprovação e elogios. Cunha e Campos (2013, p. 210) postulam que todo artista, intérprete ou criador, “pode se colocar facilmente na posição de sedutor dos demais”, ou seja, todas as atenções estarão voltadas para o artista, que está num contexto de domínio da linguagem estética. “Assim, pode-se dizer que o estudante de música teria como uma de suas motivações, chamar a atenção dos outros para si mesmo através da música”.

Mais um fator motivador seriam as facilidades que o adulto tem de lidar com a estrutura física dos instrumentos. Dias (2014), em sua pesquisa, confirma esta ideia, ao afirmar que, uma vez, estando “as habilidades motoras já desenvolvidas”, maiores serão as vantagens para o aprendizado musical de adultos (UZLER et al., 2000, apud DIAS, 2014, p. 177).

Atualmente, é comum o mito da inaptidão do adulto para o aprendizado musical; há tempos, o pensamento predominante enfatizou a ideia da musicalização como possibilidade apenas na infância. Porém, de acordo com Costa (2004, p. 5), a “aprendizagem é um processo contínuo” durante toda a vida, com características bem individuais, uma vez que “o nível de aquisição de habilidades [...] pode variar de pessoa para pessoa”. Gainza (1998, p. 98) ressalta que, “nós, os educadores musicais”, somos os primeiros a “lutar para inculcar nas pessoas que a música não é um mito, mas sim uma realidade ao alcance de todo ser humano”.

Souza (2009, p. 31) afirma que a aprendizagem ao longo da vida é possível quando o indivíduo está aberto a novas ideias, decisões, habilidades e comportamentos. A autora parte do conceito de que “nunca é cedo ou tarde demais para aprender”, uma filosofia que tem sido adotada por um grupo bastante diverso de organizações”. Ainda propõe que: “Uma pessoa pode escolher estudar um instrumento musical seja por ocupação do tempo livre, uma maneira de relaxamento em meio às tensões de seu cotidiano ou até mesmo como uma possibilidade de exercício de uma segunda profissão” (SOUZA, 2009, p. 33).

É fato que, com o passar da idade, o organismo humano passa por diversas modificações, refletidas nas estruturas físicas e nas manifestações cognitivas. De acordo com Cirino (2015, p. 130), o adulto apresenta características como a diminuição da capacidade de “adquirir novas habilidades, [...] a lentidão e dificuldade para a resolução de problemas”, o que ela denomina como sendo “indícios de alguma alteração nos processos intelectuais”, ocasionados pelo envelhecimento humano. Costa (2004, p. 23) pontua algumas questões como: a “diminuição da força [...] dos grupos musculares, que auxiliam na respiração, além de problemas posturais, que acarretam diminuição na capacidade de expansão dos pulmões”, e ainda “aumento do peso” como consequência “da diminuição da atividade física”. Essas características certamente seriam um inconveniente no estudo do canto, por exemplo.

E, como considera Cirino (2015, p. 124), “ainda que um aluno maduro apresente dificuldades em apreender conhecimentos considerados simples pelo professor, isso não determina que ele não possa ser educado musicalmente”. Caberá ao professor trazer à tona conhecimentos, nos mais variados graus, captados pelo subconsciente desde a tenra idade, pois, como afirma Fernandes (2005, p. 40), “Educar musicalmente é somar conhecimento musical aos que o aluno já possui, e nunca partir do zero, pois o zero na educação musical de adultos não existe”.

Levando em consideração o conceito do “Papel das experiências”, um dos pilares andragógicos, Souza (2009, p. 35) postula: “A experiência é o recurso mais rico para a aprendizagem de adultos, logo, o núcleo do pensamento metodológico da educação de adultos é a análise de sua experiência”. Estas precisam ser levadas em conta, pois, segundo Renner (2007), “A experiência é uma característica que distingue a aprendizagem do adulto, e significa que o profissional que estiver atuando com essa clientela deva partir desse ponto, fazendo elo entre o conhecido e o não conhecido” (RENNER, 2007, p. 114).

Em se tratando de metodologia de ensino musical para adultos, vale ressaltar que podem ser usadas atividades lúdicas nesse processo, porém, com algumas adaptações, pois, como vimos, o aluno adulto quer saber o porquê e para que serve a atividade sugerida, além do medo de se expor. Heberle (2011, p. 21) sugere que a “falta de preparação dos professores dificulta a aplicação do lúdico em sala de aula, pois muitos deles não vêem nessas atividades um instrumento educativo, preferindo o método tradicional de ensinar”, e, em muitos casos, “não sabem ao certo como podem estar utilizando esse recurso”.

Para Kebach (2008, p. 42), “musicalização é um processo contínuo de organização, de construção e de tomada de consciência das relações entre os diferentes parâmetros do som e das relações entre a realidade sonora circundante”, enquanto Gainza (1998, p. 101) resume musicalização como sendo: “tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, respostas de índole musical”. Metodologias utilizadas para musicalizar crianças, exequíveis com adultos, podem ser consideradas eficientes.

Outra possibilidade metodológica é o uso dos “métodos ativos” que, segundo Figueiredo (2012, p. 85) é resultado da “experiência direta com a música a partir da vivência de diversos elementos musicais”. Portanto, “Nesta perspectiva, o aluno participa ativamente dos processos musicais desenvolvidos em sala de aula”, e, com isso, “oportunizam o contato com várias dimensões do fazer musical. Com essas abordagens, evita-se o foco na teoria musical e nos exercícios descontextualizados”, que, na maioria das vezes, “desestimulam a aprendizagem musical exatamente porque não são reconhecidos como experiências musicais válidas”.

Segundo o autor, alguns educadores musicais podem servir de referência para o ensino do adulto. “Cada um dos autores” desenvolveu “propostas para o ensino de música em seus respectivos países, sendo que tais propostas foram aplicadas em outros contextos”. Vale destacar: Émile Jacques-Dalcroze, que “apresentou uma proposta de educação musical que relaciona a música ao movimento corporal”, com atividades focadas no “Ritmo, solfejo e improvisação”, visando o “desenvolvimento musical de crianças, jovens e adultos”. Também, Zoltán Kodály, que “idealizou e desenvolveu uma proposta de educação musical que é dirigida para todas as pessoas”, envolvendo a “prática vocal em grupo, o treinamento auditivo e o solfejo”, configurando-se “atividades centrais para esta metodologia” (FIGUEIREDO, 2012, p. 85-86).

É importante que, em primeira instância, a aprendizagem musical de adultos parta dos conhecimentos básicos que envolvem os elementos musicais, como por exemplo: reconhecimento da duração do som, do timbre, da dinâmica envolvida numa produção musical. Esses pressupostos são elementares para que o sujeito possa representar, ainda que gradativamente, a linguagem musical em todos os seus aspectos. De acordo com Klausmeier e Willian (1977, apud COSTA, 2004, p. 5), a primeira fase do processo de aprendizagem musical está ligada às habilidades cognitivas, em que a percepção musical deverá ser o primeiro alvo, seguido da aquisição de “ferramentas motoras iniciais para continuar o processo”.

Este processo de iniciação musical deve ser feito com muito cuidado, evitando pressões demasiadas, cobranças irracionais e descontextualizadas, pois, como afirma Pazin Filho (2007, p.



9), “O adulto se concentra num determinado conteúdo por vez e só se desloca para um novo conceito, quando ele se sente seguro que compreendeu e integrou o ponto anterior”.

O meio docente na área musical é bem heterogêneo; existem professores com as mais variadas formações. De acordo com Tourinho (2006, p. 8), “muitos conseguem atuar de forma diversificada e diferenciada, enquanto outros têm muita dificuldade de se adaptar às situações e contornar os problemas que sabemos peculiares à atuação profissional em música”.

Mateiro (2003, p. 8) pontua que algumas instituições de formação de professores de música têm rompido com “os limites burocráticos e administrativos”, trazendo à realidade uma nova reestruturação curricular, contemplando efetivas “mudanças de concepção educacional a médio e longo prazo”. Porém, alguns programas ainda visam apenas às técnicas de musicalização e apresentações de materiais didáticos para este tipo de ensino. As avaliações de desempenho são feitas através da repetição das técnicas e das informações, o que se configura um ponto desfavorável. “O processo de formação do professor se reduz à capacitação do mesmo para ser um repetidor de ações pedagógicas dos diferentes educadores musicais com quem ele teve contato” (SANTOS, 2007, p. 53).

Existem alguns requisitos básicos para que um professor consiga bom êxito no exercício de sua profissão, a começar pelo conhecimento do que Delors (2010, p. 13-14) denominou como sendo os quatro pilares básicos da educação: “Aprender a conviver”, “Aprender a conhecer”, “Aprender a fazer” e “Aprender a ser”. O professor, de posse do conhecimento desses quatro princípios básicos, certamente estará um passo à frente dos demais que os ignoram, ainda que alguns deles soem utópicos.

## Resultados esperados/hipóteses

De acordo com o material teórico coletado até aqui, pressupõe-se que a aprendizagem musical do adulto pode ser facilitada pela sua escolha consciente por aulas de música, bem como pela sua motivação intrínseca. Subentende-se que sua persistência no aprendizado se deve a fatores como: ambiente propício ao desenvolvimento; contextualização e flexibilidade dos

métodos de ensino; necessidade de autoafirmação e vantagens sobre a estrutura física dos instrumentos.

Entende-se que adultos sem vivência musical na infância podem aprender algum instrumento ou canto, pois a aprendizagem é um processo contínuo durante a vida. Mesmo enfrentado certas dificuldades físicas e/ou cognitivas, sua experiência de vida pode funcionar como um meio facilitador do aprendizado.

Presume-se que metodologias de ensino existentes, com possíveis adaptações, podem ser eficientes na musicalização de adultos, porquanto esta busca o desenvolvimento de habilidades cognitivas e percepção musical – o que se configura um desafio para os professores que atuam nessa área.

## **Procedimentos metodológicos**

No anseio de se investigar como se dá o processo de ensino/aprendizagem de adultos em escolas de música da região da Grande Vitória, optou-se pelo método qualitativo de pesquisa. A investigação dar-se-á através de pesquisa teórica e de campo.

Na pesquisa de campo, será feita a coleta de dados, através de questionários aplicados a alunos adultos, a professores e aos diretores de cinco instituições particulares de ensino musical da Grande Vitória/ES: Werner Ensino de Música, Escola de Música Piano Music, Escola de Música Em Sons e Escola de Música Gabriel Camargo, matriz e filial.

## Referências

BRASIL, Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. *Dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)>. Acesso em: 2 abr. 2016.

CIRINO, Andréia Cristina. *Aprendizagem musical na maturidade: diálogo entre teoria e prática. Per Musi*, Belo Horizonte, n.31, p.123-133, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pm/n31/1517-7599-pm-31-0123.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

COSTA, José Francisco da. *Aprendizagem pianística na idade adulta: sonho ou realidade?* 2004. 101 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Curso de Mestrado em Artes, Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000322814>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

CUNHA, Marcelo de Magalhães; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Motivação para o estudo da música com base em pressupostos interacionistas piagetianos. *Opus*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 187-214, 2013. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/156/140>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir; relatório para UNESCO da comissão internacional sobre educação para o século XXI*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

DIAS, Adriana Moraes dos Santos. Ensino de música na fase adulta através do piano. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 3., 2014, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: SIMPOM, 2014. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/view/4543/4067>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

FERNANDES, José Nunes. *Educação musical de jovens e adultos na escola regular: políticas, práticas e desafios*. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 12, p. 35-41, mar. 2005. Disponível em: <[http://abemeduacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed12/revista12\\_artigo5.pdf](http://abemeduacaomusical.com.br/revista_abem/ed12/revista12_artigo5.pdf)>. Acesso em: 2 mar. 2016.

FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A educação musical do século XX: os métodos tradicionais. In: JORDÃO, Gisele. et al. (Coord.). *A música na escola*. São Paulo: Allucci & Associados

Comunicações, 2012. p. 85-87. Disponível em:

<<http://www.amusicanaescola.com.br/pdf/AMUSICANAESCOLA.pdf>>. Acesso em: 2 maio 2016.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de psicopedagogia musical*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

HEBERLE, Karina. *Importância e utilização das atividades lúdicas na educação de jovens e adultos*. 2011. 151 f. Monografia (Especialização em Educação profissional Integrada a Educação Básica na Modalidade EJA) – Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2011. Disponível em:

<[http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1764/1/MD\\_PROEJA\\_2012\\_IV\\_09.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1764/1/MD_PROEJA_2012_IV_09.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2016.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem. *Musicalização coletiva de adultos: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo*. 2008. 301 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13272/000642435.pdf?sequence=1&sa=U&ei=VmFiU5fKD-HN2AX8uIHobg&ved=0CE0QFjAI&usq=AFQjCNFZ6EpoBMpHd15dkY0wvHdHe9dfkQ>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

MARTINS, Rose Mary Kern. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos.

*Revista Educação Popular*, Uberlândia, v. 12, n. 1, p. 143-153, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/viewFile/20331/12520>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

MATEIRO, Teresa. A formação universitária do professor de música e as políticas educacionais nas reformas curriculares.

*Revista do Centro de Educação*, Santa Maria, v. 28, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://coralx.ufsm.br/revce/revce/2003/02/a2.htm>>. Acesso em: 19 mar. 2016.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. Motivação do aluno durante o processo de ensino/aprendizagem.

*Revista Eletrônica de Educação*, Londrina, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2007. Disponível em: <[http://web.unifil.br/docs/revista\\_eletronica/educacao/Artigo\\_06.pdf](http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

PAZIN FILHO, Antônio. Características do aprendizado do adulto.

*Revista Medicina*, Ribeirão Preto, v. 40, n. 1, 2007. Disponível em: <[http://revista.fmrp.usp.br/2007/vol40n1/2\\_caracteristicas\\_do\\_aprendizado\\_do\\_adulto.pdf](http://revista.fmrp.usp.br/2007/vol40n1/2_caracteristicas_do_aprendizado_do_adulto.pdf)>. Acesso em: 29 mar. 2016.

RENNER, Kátia Klar. *O tempo musical no tempo do sujeito: ouvindo os fazedores de música da idade madura*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em:  
<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10315/000595308.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

SANTOS, Carlos César Ribeiro. Andragogia: aprendendo a ensinar adultos. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 7., 2010, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos...* Rio de Janeiro: SEGET, 2010. Disponível em:  
<[http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/402\\_ArtigoAndragogia.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/402_ArtigoAndragogia.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

SANTOS, Welington Tavares. Educação musical e formação de professores. *Revista Científica/FAP*, Curitiba, v. 2, p. 51-81, 2007. Disponível em:  
<<http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/RevistaCientifica2/welingtontavares.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SILVA, Nilce da. Ser adulto: alguns elementos para a discussão deste conceito e para a formação de professores de adultos. *Millenium*, Viseu, n. 29, p. 282-290, 2004. Disponível em:  
<<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium29/35.pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

SOUZA, Alba Christina Bomfim. O perfil de adultos em aulas de instrumentos de cordas friccionadas: violino, viola, violoncelo e contrabaixo. 2009. 98 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Departamento de Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em:  
<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3772/1/2009\\_AlbaChristinaBomfimSouza.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3772/1/2009_AlbaChristinaBomfimSouza.pdf)>. Acesso em: 28 fev. 2016.

STATERI, José Júlio. *Reflexões sobre o ensino do piano para adultos e adolescentes*. Osasco: Fundação Instituto Tecnológico de Osasco, [199-?].

TOURINHO, Cristina. Espaços e ações profissionais para possíveis educações musicais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 15, p. 7-10, 2006. Disponível em:  
<[http://abemeduacaomusical.com.br/revista\\_abem/ed15/revista15\\_completa.pdf](http://abemeduacaomusical.com.br/revista_abem/ed15/revista15_completa.pdf)> Acesso em: 30 abr. 2016.